

Resquícios de Realidade

Aluno: Paula Iglesias de Andrade

Orientador: Miguel Pereira

Introdução

O estudo que estamos realizando tem como tema as *Estéticas do Real no Cinema Brasileiro Contemporâneo*, e como foco, filmes que representam alguns formatos de relacionamentos sociais que parecem também estar presentes no mundo real. A partir dos filmes *Era uma vez*, Breno Kuperman, e *Quase dois irmãos*, de Lúcia Murat, fizemos uma análise das relações possíveis entre o cinema e o mundo real. E como os relacionamentos amorosos entre personagens da favela e do asfalto são destacados por essas narrativas que tentam se aproximar da vida real.

Objetivos

Analisar como o cinema contemporâneo brasileiro relata a relação “asfalto e comunidade”. Estudar também quais são esses tipos de relacionamento, como ocorrem e como são abordados pelo cinema. Além de discutir a questão de até onde o cinema pode ir para retratar a realidade cotidiana.

Metodologia

No início dos estudos, selecionamos filmes que narram dramas de caráter social, para que fosse possível avaliar os seus processos estéticos e se eles se aproximam da realidade. Pretendemos também confrontar esses dois filmes de ficção com um caso real avaliando as estratégias narrativas utilizadas no que diz respeito às suas relações com a realidade social objetiva. Os dois filmes selecionados para o estudo trabalham com o relacionamento entre o “asfalto e o morro”, e é através deles que a pesquisa busca um aprofundamento dos embasamentos teóricos adquiridos.

Discutiu-se ainda na primeira parte do estudo, se um novo realismo vem surgindo no cinema brasileiro contemporâneo. Essa nova forma de retratar o cotidiano, tendendo

às vezes para o psicológico ou naturalista, define os impasses dessas vidas narradas pelos filmes. Vale ainda lembrar que “o documentário “real” pode e deve oferecer uma verdade objetiva, sem deixar de lado o tratamento criativo da realidade.” [2]

No primeiro filme analisado, *Era uma Vez*, percebe-se que, segundo Maria Mourão (2005) quando é apenas uma evidência, ele adquire uma noção ingênua da sua objetividade, e essa ingenuidade é passada para o seu público [2]. O mesmo não ocorre no filme *Quase Dois Irmãos*, cujo relato faz uso do senso comum. A história contada se aproxima mais da representatividade simbólica da realidade, apoiada na verossimilhança. Porém, o realismo estético utiliza alguns recursos expressivos que intensificam a representação de uma experiência cotidiana [1], mas isso não fere a noção de realidade.

Outro ponto abordado é à desmistificação da realidade, através da representação de uma experiência extraída do cotidiano que se atrela ao senso comum da percepção. A utilização do efeito do real, onde os detalhes acrescentam maior confiança e credibilidade à ambientação e a caracterização dos personagens. Contudo, o efeito do real também é visto se associado à retórica da verossimilhança, configurando um quadro mimético. Mas essa associação, segundo Beatriz Jaguaribe, acaba por mascarar os processos ficcionais imergindo no mundo da representação e não da realidade. [1]

E é através do ponto de vista da autora Jaguaribe que nessa segunda parte do estudo focaremos nos relacionamentos vistos nos dois filmes selecionados, destacando suas diferenças e semelhanças com um caso real. Analisando detalhadamente o processo de formação daquela relação, ou seja, mostrar como os relacionamentos dos filmes apresentam a verossimilhança o efeito do real quando comparo ao caso real.

Assim ao comparar os relacionamentos amorosos dos filmes com um relacionamento real conseguiremos nos aproximar do nosso objetivo, que é mostrar como o cinema nos apresenta um fato ficcional que se aproxima ao máximo da realidade que vivemos. Apresentando como ocorrem e avaliando o fato de que nos três casos estudados a menina é de classe média alta e o menino é de comunidade.

O cinema do real e a impressão da realidade

O termo *Cinema do real* foi mais usado no final dos anos cinquenta para se referir, tanto na teoria quanto na prática a um gênero de documentário que se empenha em captar, sem fins didáticos ou de ilustração histórica, a realidade como ela é, isto é, que procura reproduzir o que ocorre. No entanto, a expressão carrega também uma certa subjetividade, pois quem a imagem capta o faz sempre a partir de uma posição de câmera que condiciona o registro.

A designação refere-se em geral ao uso da câmara como um meio de registo mecânico e automático de uma realidade em curso, de modo que ela possa ser vista como a própria natureza/ realidade que nós vivenciamos. Sendo um meio mecânico de reprodução do visível, altamente aperfeiçoado, muitos dizem ser mais perfeito que o olho humano. A câmera é vista como capaz de captar algo categoricamente diferente do olho humano que ela imita. O russo Dziga Vertov foi quem teorizou esses conceitos. A distinção entre as noções de cinema direto e o *cinéma vérité* foi resumida por Henry Breitrose, citada por Mourão, “*afirmando que o cinema direto ocultava o processo de produção de uma maneira clássica, enquanto o cinéma vérité exibia os cineastas na tela.*”(MOURÃO, 2005:15-16)

A descrição de conflitos urbanos e cotidianos vistos pelos filmes como a realidade de todos leva o público a comparar as narrativas existentes em filmes diferentes. Porém, não podemos deixar de notar que cada um apresenta um enredo, uma história que percorre caminhos oposto apesar de terem um tema central em comum, que no caso do estudo são os relacionamento entre jovens de classe média e jovens de comunidade. Nas palavras de João Morreira Salles, citadas por Mourão:

Eu aprendi há pouco tempo que não se podem comparar tragédias. Cada tragédia cria seu próprio paradigma. Seria quase um desrespeito dizer, por exemplo, que o que aconteceu em Ruanda não é inédito e se equipara a outras tragédias, que só podem ser entendidas dentro dos seus próprios parâmetros. Não temos o direito de comparar pesadelos. A única coisa que se pode fazer de certa maneira, é identificar algumas semelhanças. (MOURÃO, 2005)

Os filmes narrativos, em sua maioria, apresentam apenas histórias de pura ficção, mas em alguns casos apresentam algo que nos faz ficar mais próximo da realidade, Aumont chama isso da impressão de realidade.

Muitas vezes, observou-se que o que caracterizava o cinema entre os modos de representação, era a impressão de realidade que se destacava da visão dos filmes. Essa “impressão de realidade”, cujo protótipo mítico é o pavor que teria se apoderado dos primeiros espectadores do filme de Lumière, *A chegada do trem na estação de Ciotat* (1895), foi o centro de muitas reflexões e debates sobre o cinema, para tentar definir sua especificidade (por oposição à pintura, à fotografia) ou para definir os fundamentos técnicos e psicológicos da própria impressão e analisar suas conseqüências na atitude do espectador diante dos filmes.

A impressão de realidade sentida pelo espectador quando a visão de um filme deve-se, em primeiro lugar, à *riqueza perceptiva* dos materiais fílmicos, da imagem e do som. No que se refere à imagem cinematográfica, essa “riqueza” deve-se ao mesmo tempo à grande definição da imagem fotográfica (sabe-se que uma foto é mais “sutil”, mais rica em informação que uma imagem de televisão), que apresenta ao espectador efígies de objetos com um luxo de detalhes, e a restituição do movimento, que proporciona a essas efígies um densidade, um volume que elas não têm na foto fixa: todos já tiveram uma experiência desse achatamento da imagem durante a projeção de um filme.

(AUMONT, 2007)

Com a citação de Aumont, percebe-se que os filmes que contam uma história através de personagens fictícios passam também uma realidade para quem esta assistindo. A utilização de vários recursos possibilita essa aproximação e a sensação de realidade, destacando que o cinema é a arte da atenção, o registro organizado segundo o mesmo caminho que dá sentido ao real; da memória e da imaginação, que permite compreender a diluição do tempo, a noção de ritmo, os flashback entre outros recursos; e por fim temos a emoção, que se destaca como principal para tradução da narrativa, sendo considerada por Münsterberg como a unidade cinematográfica mais complexa.

Sendo assim, toda gama complexa da emoção, passa pelo psicológico, como a atenção ou a memória, e o cinema imita os mecanismos humanos que, falando psicologicamente, nos remete a não existência da película ou da tela, proporcionando a impressão da realidade.

Outra característica que o cinema utiliza para se aproximar da realidade é o conceito de imaginação. Currie diz que ao retirar o “faz de conta” da visão do espectador, o filme está afirmando que os personagens existem e os “fatos ocorrem, gerando uma realidade. E isso é notado em ambos os filmes analisados. O espectador não duvida de que aquilo que esta assistindo possa ter acontecido ou vir a acontecer. Ele passa a pensar como esse fato ocorre.

A relação entre asfalto e a favela

Quando falamos em asfalto e comunidades logo nos vem à mente imagens de violência, notícias dramáticas, assaltos e as diferenças gritantes entre as duas realidades. Entretanto, há algo entre esses dois mundos que vem chamando a atenção dos cineastas. Os relacionamentos amorosos entre meninas de classe média com jovens das favelas tornaram-se tema de muitos filmes brasileiros, entre eles os dois que serão analisados neste trabalho.

Os filmes apresentam dois tipos de relacionamento: o primeiro filme, *Era uma vez*, apresenta um relacionamento voltado para o romantismo, cujas personagens morrem em nome desse amor e o outro filme, *Quase dois irmãos*, nos mostra uma relação mais carnal e brutal levando apenas a um personagem o sofrimento diante do amor. Essas diferenças se dão pelas características dos personagens, que apesar dos meninos serem de comunidade eles vivem realidades diferentes. Dé, personagem de *Era uma vez*, é um menino pobre que trabalha e estuda para poder ajudar sua mãe, já tendo um contato com o asfalto dia a dia. Já Deley, personagem de *Quase dois irmãos*, é um jovem que se envolve com o tráfico, é gerente de uma boca no morro em que mora. Nina (*Era uma vez*) é uma jovem de classe media que é levada pelos amigos a festas, embora obediente ao seu pai, diferente de Juliana (*Quase dois irmãos*), filha de político de opinião formada e mais independente da figura paterna. Essa diferença entre os relacionamentos observados nos dois filmes nos permite elaborar o início do estudo.

Para que possamos entender o porquê desse tipo de relacionamento ocorre, destacamos primeiro o perfil de cada personagem e o seu envolvimento amoroso. A personagem Nina se apresenta frágil e perdida no mundo em que vive com o pai, demonstrando carência afetiva. Ela é excessivamente protegida pelo pai. E é em Dé que Nina vai encontrar um novo laço afetivo, maior do que ela possui com o pai. A personagem nos leva a defini-la, psicologicamente, como uma menina que necessita amparo para que sua vida passe a ter uma razão que “valha à pena”.

Já Juliana, de *Quase dois irmãos*, se expõe ao ambiente das comunidades como forma de enfrentar o pai, que é político e tendo atitudes contrárias daquelas que ela tem como verdade. Ao enfrentá-lo, torna o seu relacionamento com Deley mais intenso e

carnal, sem os traços de ingenuidade que há em Nina, embora sinta medo nesse relacionamento pelo fato de ele ser um traficante.

Juliana tem consciência de sua posição como filha de um político. Mas ainda assim assume o risco do relacionamento com um traficante. Embora tenha tudo que deseja, acaba enfrentando o pai ao assumir uma vida amorosa não aceita pelo pai.

Um fator importante que devemos destacar nos dois filmes, são as cenas amorosas que ocorrem nas comunidades. Para Jaguaribe, isso acontece para que se dê o “efeito de comunidade”: Neste efeito de comunidade, os espaços públicos denotam vivências e interesses comuns, e os espaços privados tendem a desempenhar o papel de suporte de uma memória que é tanto pessoal quanto coletiva. (JAGUARIBE, 2007).

Caso real analisado

Através de um contato de infância foi possível realizar uma entrevista, cuja foi me pedido sigilo da identidade dos entrevistados, por isso relataremos apenas a história desses dois jovens sem mencionar os seus nomes.

No ano de 2007 uma jovem de classe média alta, com 17 anos, mudou de colégio e para se enturmar foi com as novas amigas de colégio ao um baile na comunidade do Dendê, localizada na Ilha do Governador. Nesse dia ela conheceu um menino, que pertence até hoje ao narcotráfico dessa comunidade.

Esse rapaz tinha na época 18 anos e já possuía dois filhos pequenos, após esse primeiro encontro a menina passou a sair escondido para poder encontrá-lo. As amigas a encobriam sempre que podiam e por isso os pais não sabiam do relacionamento que a filha estava tendo. Os encontros ocorriam sempre na comunidade, na casa dele ou em qualquer outro lugar da favela. Com isso a menina passou a frequentar todos os bailes e conhecer todos da comunidade, matava aula e ficava até de madrugada na comunidade.

O relacionamento as escondidas durou certa de 2 anos, quando a ex-mulher do menino resolveu ir a casa da atual namora dele e contar para os pais que a filha se envolvia com um traficante.

Porém essa atitude não resolveu muita coisa, pois mesmo os pais proibindo-a de vê-lo ela resolveu fugir de casa para morar com ele. Diante dessa situação os pais

aceitaram o relacionamento da filha e consentiram que o rapaz freqüentasse a sua casa para que a filha não ficasse exposta na comunidade.

Durante o namoro eles como qualquer outro casal tiveram altos e baixos, mas toda vez que ela queria terminar ele a ameaçava de várias formas, por exemplo que ira agredi-la fisicamente. Sendo assim ela se viu pressa nesse relacionamento.

Mas apesar de todos os ocorridos até hoje eles permanecem juntos, ele ainda pertencendo ao trafico e freqüentando a casa dela com o consentimento dos pais e ela aceitando o as condições do relacionamento (não sair sem ele, não mudar a aparência sem falar com ele, entre outras coisas).

Para análise do estudo podemos destacar alguns pontos vistos no perfil psicológico da menina: mesmo tendo uma condição financeira boa tinha pouca atenção dos pais que sempre estiveram fora trabalhando. Na infância sempre foi dependente das amigas, necessitava ter alguém perto para se sentir segura, quando mudou de colégio ficou em insegura e através dessa figura masculina encontrou a segurança que não tinha mais e a figura protetora que os pais não demonstravam.

Já o rapaz sempre se apresentou como uma figura segura de si e dominadora, necessitando ter sempre o controle do relacionamento ou de qualquer situação que se entrava.

Conclusão

O cinema possui diferentes recursos para que a realidade seja retratada. A utilização de fatos ficcionais não faz com que a obra cinematográfica deixe de ser realidade. Os filmes utilizam também formas narrativas de apreensão do cotidiano, independentemente se são obras de ficção ou documentários.

E foi através do estudo dos relacionamentos contados nos filmes e o caso real relatado acima que chegamos à conclusão que o cinema mesmo utilizando recursos que representem a realidade, sendo a história contada baseada ou não em fatos reais ela pode se aproximar ao máximo com o cotidiano. Um bom exemplo e o caso de Nina e Dê, onde a menina foi até a comunidade para encontrar o menino, da mesma forma que nossa entrevistada fez.

Por fim através da frase da autora Beatriz Jaguaribe, podemos afirmar que o cinema pode sim nos passar a realidade a partir de uma cultura engrenada e fabricada por várias formas de discursos, pontos de vistas dos criadores artístico que possuem como finalidade provocar o espanto, atizar a denuncia social, ou aguçar o sentimento crítico, querendo desestabilizar a neutralidade do espectador sem que isto acarrete necessariamente um agenciamento político.

“Na condeituação do “choque do real”, há uma escolha específica à palavra “real”. Objetivo de acirrada disputa epistemológica, política e estética, o real testa os limites da representação e supera os mecanismos seletivos do nosso controle consciente. Semelhante ao instante temporal que é vivido, mas que não pode ser conscientemente processado na instantaneidade de sua vivência temporal, o real somente pode ser apreendido após a filtragem cultural da linguagem da representação.”

(JAGUARIBE, 2007)

Referências Bibliográficas:

1. JAGUARIBE, Beatriz. *O Choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007
2. MOURÃO, Dora e LBAKI, Amir (Orgs). *O Cinema do Real*. São Paulo: Cosac Naify, 2005
3. AUMONT, Jacques et alii. *A Estética do Filme*. São Paulo: Papyrus Editora, 1995
4. STAM, Robert. *Introdução à Teoria do Cinema*. São Paulo: Papyrus, 2003
5. PRYSTHON, Ângela (Org.). *Imagens da Cidade: Espaços Urbanos na Comunicação e Cultura Contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006

Sites:

http://www.taigafilmes.com/quase/o_filme.html

<http://www.sonypictures.com.br/Sony/HotSites/Br/eraumavez/index.php>

Sinopse dos filmes analisados

Quase dois irmãos

Nos anos 70, quando o país vivia sob a ditadura militar, muitos presos políticos foram levados para a Penitenciária da Ilha Grande, na costa do Rio de Janeiro. Da mesma forma como os políticos, assaltantes de bancos também estavam submetidos à Lei de Segurança Nacional. Ambos cumpriam pena na mesma galeria. O encontro entre esses dois mundos é parte importante da história da violência que o País enfrenta hoje. "Quase Dois Irmãos" mostra como essa relação se desenvolveu e o conflito estabelecido entre eles. Entre o conflito e o aprendizado, nasceu o Comando Vermelho, que mais tarde passou a dominar o tráfico de drogas.

Através de dois personagens, Miguel, um jovem intelectual de classe média preso político na Ilha Grande, e hoje deputado federal, e Jorge, filho de um sambista que de pequenos assaltos se transformou num dos líderes do Comando Vermelho, o filme tem como pano de fundo a história política do Brasil nos últimos 50 anos, contada também através da música popular, o ponto de ligação entre esses dois mundos. Hoje, começa um novo ciclo: Miguel tem uma filha adolescente, que fascinada pelas favelas e pela transgressão, se envolve com um jovem traficante.

Era uma vez

Era uma vez... conta a história de amor entre dois jovens que vivem realidades bem distintas. Morador da favela do Cantagalo, em Ipanema, na Zona Sul, D descobriu cedo as dificuldades de vencer na vida de forma honesta, cercado pelas armadilhas do crime. Filho da empregada doméstica, Bernadete, e abandonado pelo pai, ele assistiu a um traficante matar seu irmão Beto. Em seguida, seu irmão mais velho, Carlo, obrigado pelos bandidos a se exilar da favela e acaba preso ao ser confundido com marginais em meio a um arrasto na praia. Apesar de tantos contratemplos, D mantém sua dignidade. Trabalhador, vende cachorro-quente num quiosque na praia. Dali, de trás do balcão, que observa Nina, filha rica de uma família rica que mora na Vieira Souto, avenida em frente Praia de Ipanema.

Os dois se conhecem na praia e acabam se apaixonando. Juntos, experimentam as alegrias, emoções e dificuldades de viver um amor to grande quanto improvável. Porém, só alvo de críticas e preconceitos velados. D e Nina só o retrato da intolerância e dos abismos sociais que separam brasileiros no apenas no Rio, mas em cidades de todo o país e do mundo.